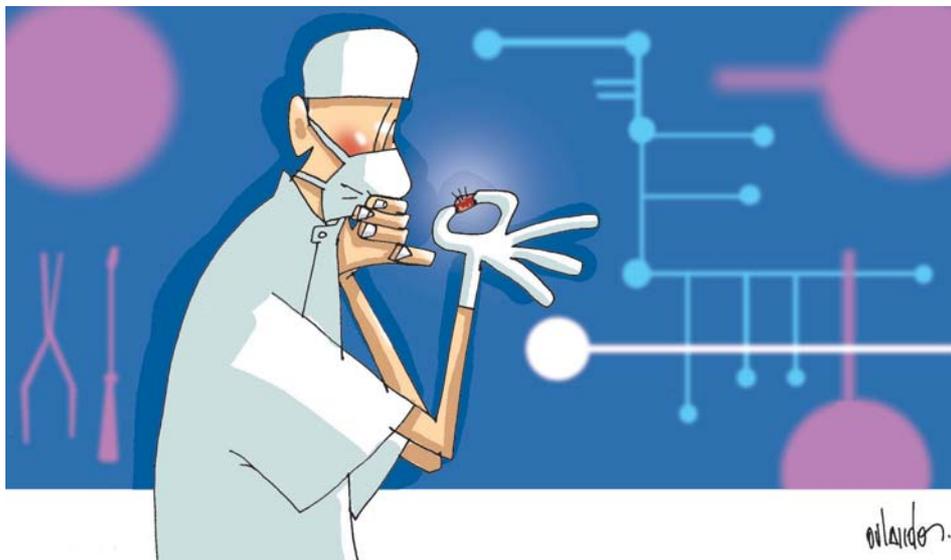




Mac OS para PC? Nem...



Semana passada, o \$%¥&* do HD do meu Pentium foi para o além, com destino ao lugar onde vão os discos que nos deixam na mão em meio a um trabalho urgente e importante. Tomara que seja reencarnado como botão de Reset!

Hoje, sete dias depois (nenhuma semelhança com alegorias bíblicas), estou de volta ao trabalho – só uso o Pentium para rodar um software de CAD de circuito impresso sob NT. Nas outras partições havia o BeOS 4.5 e o “Rhapsody for Intel”.

Por que levei sete dias para instalar outro HD, estando acostumado a fazê-lo em menos de meia hora? Por causa de coisinhas como não conseguir dar *boot* pelo CD-ROM; não ter MS-DOS à mão para reformatar o HD; demorar a achar o driver do CD-ROM para MS-DOS; instalar três vezes o Windows NT para ele depois afirmar que não existe o drive de CD-ROM a partir do qual ele próprio acabou de se instalar; instalar duas placas de rede supostamente *plug & play*, que mesmo assim são completamente invisíveis para o NT... Não vou gastar todo meu espaço com uma lista completa. A moral da história é que um PC funciona muito bem, e o Windows NT é um sistema razoável em muitos aspectos. Os periféricos, muitas vezes, são os mesmos que usamos nos Macs. O que estraga tudo são os BIOS, os drivers, os IRQs.

Porque estou contando isso? Recentemente, uma onda de especulações se seguiu ao anúncio discreto de Wilfredo Sanchez, o responsável técnico pelo projeto Darwin, que conseguiu compilar o núcleo do sistema para CPUs x86. No dia seguinte, li afirmações como “assim que sair o Mac OS X para Mac, uma versão compatível para PC certa-

mente estará disponível, possivelmente ao mesmo tempo” e “a Apple vai chutar a Motorola/IBM e fabricar Macs da linha Intel”.

Bom, dizem que a anatomia de gatos e cobras é tal, que se a cabeça passar num dado buraco, o corpo passa facilmente atrás – mas extrapolar isso para o Mac OS X é, como gosto de dizer, chafurdar na maionese. Argumentando de trás para frente, em termos de volume de código, o Darwin certamente representa apenas um ou dois por cento do Mac OS X como um todo. O famoso diagrama de camadas, se desenhado em escala, seria uma pirâmide apoiada na ponta! Mas, diriam muitos, todos os acessos ao hardware ficam no Darwin... Não é verdade, porque há mais de ano a Apple tem recodificado tudo para utilizar o Altivec. As demonstrações públicas de Aqua, Quartz e outras gracinhas do Mac OS X têm aquela velocidade espantosa devida ao Altivec, ou seja, são diretamente dependentes da arquitetura do G4. Retornando ao tema inicial, imagine que esses obstáculos fossem vencidos e a Apple anunciasse o “Mac OS X for Intel”. Ele seria incompatível com 99,9% dos PCs que existem por aí!

Fazer um sistema que se adapte aos BIOS, às placas “plug & play”, a periféricos genéricos fabricados em Singapura, milhares de variações de placas-mãe etc. é tarefa quase impossível. A Apple teria que contratar metade da população para dar suporte técnico à outra metade, e o resultado seria um desastre de relações públicas...

Em uma das hipóteses, o suposto “Mac OS X for Intel” somente rodaria em máquinas feitas pela própria Apple

Falei que instalei o BeOS 4.5 e o Rhapsody for Intel no meu Pentium, mas tive que pegar as duas listas (ambas muito curtas) de compatibilidade, e encontrar um denominador comum; e tive sorte que uma única placa de vídeo e duas de rede estavam em ambas as listas, e testei quatro placas-mãe até achar uma compatível com ambos. Isso indica a dificuldade do caso.

Posto isso, qual é então o significado do “Darwin for Intel”... quando sair? Note que apenas compilaram o Darwin – para executá-lo num PC ainda há que portar os drivers de periféricos, o que pode demorar meses. A meu ver, há dois motivos para isso. Em primeiro lugar, portar um sistema para uma arquitetura diferente ajuda a descobrir bugs sutis e dependências de ordem de bytes e outras características do hardware. Em segundo lugar, é sabido que a Apple está testando outros

chips, como o famoso Crusoe da Transmeta, para uso em futuros equipamentos, e para isso ela precisa de software de teste. O caso do chip Transmeta é especialmente interessante. Embora hoje ele só disponha de

um emulador para a arquitetura Intel, é certo que já estão trabalhando num emulador para PowerPC/Altivec. Isso permitiria à Apple fazer o que já fez uma vez, com muito sucesso: migrar para outra arquitetura e depois abandonar, gradualmente, a antiga, que passaria a ser emulada. Uma parceria Apple/Transmeta ainda ofereceria à Apple a chance de desenvolver e testar, em software, novas variações da arquitetura PowerPC. Uma hipótese mais remota seria que a Apple passasse a fabricar, futuramente, placas-mãe baseadas no AMD Athlon, por exemplo. Um suposto “Mac OS X for Intel” então só rodaria (ou seria “suportado”) em máquinas Apple. A única vantagem que vejo aqui é que isso permitiria rodar aplicativos Windows numa caixa de compatibilidade do Mac OS X, como já rodam aplicativos 68K e do Mac OS “clássico”. Por outro lado, isso desincentivaria os desenvolvedores... **M**

RAINER BROCKERHOFF

rainer@ez-bh.com.br

Cético de plantão, acaba de microondar um CD do Windows NT.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.